

Perfil dos Cardiologistas Brasileiros: Um Olhar sobre Liderança Feminina na Cardiologia e sobre o Estresse — Desafios para a Próxima Década

Profile of Brazilian Cardiologists: An Overview of Female Leadership in Cardiology and Stress — Challenges for the Next Decade

Evandro Tinoco Mesquita,^{1,2,3} Eduardo Thadeu de Oliveira Correia,² Letícia Mara dos Santos Barbeta²

Sociedade Brasileira de Cardiologia - Diretoria de Qualidade Assistencial,¹ Rio de Janeiro, RJ – Brasil

Universidade Federal Fluminense,² Niterói, RJ – Brasil

Hospital Pró-Cardíaco,³ Rio de Janeiro, RJ – Brasil

Minieditorial referente ao artigo: O Perfil do Cardiologista Brasileiro – Uma Amostra de Sócios da Sociedade Brasileira de Cardiologia

A cardiologia é uma especialidade médica que frequentemente exerce atividade ambulatorial e hospitalar, liderando o cuidado cardiovascular em um ambiente complexo, frente ao envelhecimento. A maior necessidade de tomadas de decisões complexas e conhecimento sobre recursos tecnológicos pode gerar sobrecarga de atividades e mudanças do perfil do cardiologista brasileiro como, por exemplo, em sua mecânica remuneratória, horas de lazer e níveis de estresse. Dessa forma, estudos de demografia médica são fundamentais para entender a dinâmica desses profissionais de saúde.

No estudo de Faganello et al.,¹ os autores investigaram o perfil do cardiologista brasileiro por meio de um estudo transversal baseado no envio de questionários via e-mail para cardiologistas adimplentes da Sociedade Brasileira de Cardiologia (SBC), em 2017. É importante ressaltar que a possibilidade de cardiologistas com menores rendas serem mais inadimplentes configura um ponto capaz de promover viés no estudo, influenciando os resultados sobre a renda dos profissionais. Além disso, o estudo não inclui profissionais que podem estar exercendo sua atividade profissional sem serem filiados à SBC.

Dos 13.462 associados adimplentes, 70,9% são homens, dados semelhantes à demografia médica do Conselho Federal de Medicina de 2018, que identificou 15.516 médicos com título de especialista em cardiologia, sendo 70,1% do sexo masculino, revelando não existir uma diferença significativa entre homens e mulheres quanto a se associar à SBC.^{1,2} Apesar da diferença significativa entre a porcentagem de mulheres e homens cardiologistas, no estudo em questão, as mulheres representaram a maior fatia das faixas etárias mais jovens, o que pode revelar um aumento do ingresso das mulheres na cardiologia nos últimos anos.¹

Palavras-chave

Cardiologistas; Liderança; Salários e Benefícios; Mulheres; Identidade de Gênero; Sexismo; Preconceito.

Correspondência: Letícia Mara dos Santos Barbeta •

Hospital Universitário Antônio Pedro - Av. Marquês do Paraná, 303.

CEP 24033-900, Niterói, RJ – Brasil

E-mail: leticiabarbetta@gmail.com

DOI: 10.5935/abc.20190132

Um dos principais achados do estudo foi a diferença salarial entre os gêneros feminino e masculino. Nas faixas de renda mais elevadas, foi verificada maior proporção de homens (66,5% dos homens relataram ganhar mais de 20 mil reais vs. 31,2% das mulheres), com $p < 0,001$, mesmo após ajuste para horas de trabalho e faixa etária.¹ O artigo traz como um possível fator para essa diferença salarial a maior proporção de homens atuando em setor privado (14% das mulheres vs. 23,9% dos homens), enquanto a proporção de mulheres no setor público e no meio acadêmico foi maior (53% das mulheres vs. 44% dos homens), áreas que possuem menores remunerações quando comparadas ao setor privado.¹ No entanto, outros fatores devem ser considerados.³ Um estudo realizado por Douglas et al.,⁴ identificou que fatores como existência de modelos femininos positivos e uma especialidade amigável às mulheres influenciam as escolhas de carreira do público feminino. Dessa forma, a discrepância entre a proporção entre homens e mulheres por si só pode se comportar como um fator de impedimento para o ingresso das mulheres na especialidade, além de ainda haver poucas mulheres ocupando cargos de liderança.

Outro aspecto importante a ser abordado, mas não investigado no estudo, é a presença do sexismo na cardiologia, que pode ser um dos fatores que contribuem para a menor presença das mulheres na especialidade e menor remuneração. Estudos britânicos revelaram que cerca de 6% dos residentes dos primeiros anos de especialização vivenciaram ou testemunharam linguagem sexista, entretanto esse número aumenta para 15% nos últimos anos da residência.³ Sendo assim, abordagens que busquem cessar o sexismo no local de trabalho poderiam acarretar maior ingresso das mulheres na cardiologia, motivando-as a ascenderem na carreira e ocupar cargos de liderança e, dessa forma, gerar modelos femininos de sucesso e melhores perfis de remuneração.

Outro relevante achado do estudo foi em relação ao nível de estresse entre os cardiologistas: 64,2% consideram apresentar níveis adequados de estresse, 24,3% não se consideram estressados e 11,3% relatam estresse em grande proporção, sendo a principal causa as más condições de trabalho. Esses dados foram significativamente menores do que dados norte-americanos, onde o *burnout* esteve presente em 46% dos cardiologistas.¹ Apesar dessas informações serem importantes, ferramentas estruturadas para pesquisa de *burnout* devem ser implementadas em futuros questionários para conhecimento da prevalência

dessa síndrome nos cardiologistas brasileiros. O estudo ainda encontrou uma elevada porcentagem de cardiologistas que se consideram descuidados com a saúde (39,4%) e que não realizam nenhum tipo de atividade física (31%), achados que contrastam com dados dos EUA, onde somente 11% dos cardiologistas não realizam atividade física.¹

Em um mundo moderno e cada vez mais igualitário, é de grande relevância que se discutam os possíveis fatores que levam à discrepância salarial entre os gêneros e à baixa adesão das mulheres na cardiologia. Ações de conscientização e organizações de saúde e sociedades médicas que atuem reduzindo o sexismo, encorajando a participação de mulheres

na cardiologia e a formação de lideranças femininas são fundamentais para alterar esse cenário. A Sociedade Brasileira de Cardiologia com 76 anos de fundação tendo possuído 57 presidentes ao longo de sua história, apenas em duas ocasiões, teve mulheres como principal representante - Dra. Bettina Ferro de Souza e a Dra. Glaura F. D. Martins (Figura 1). Ao lado disso, devido à elevada porcentagem de cardiologistas sem adequado cuidado com sua própria saúde surge a necessidade de se ressaltar a importância do cuidado com a saúde física e mental (prevenção do *burnout* e suicídio em médicos) no meio médico e de promoção de melhorias das condições de trabalho.

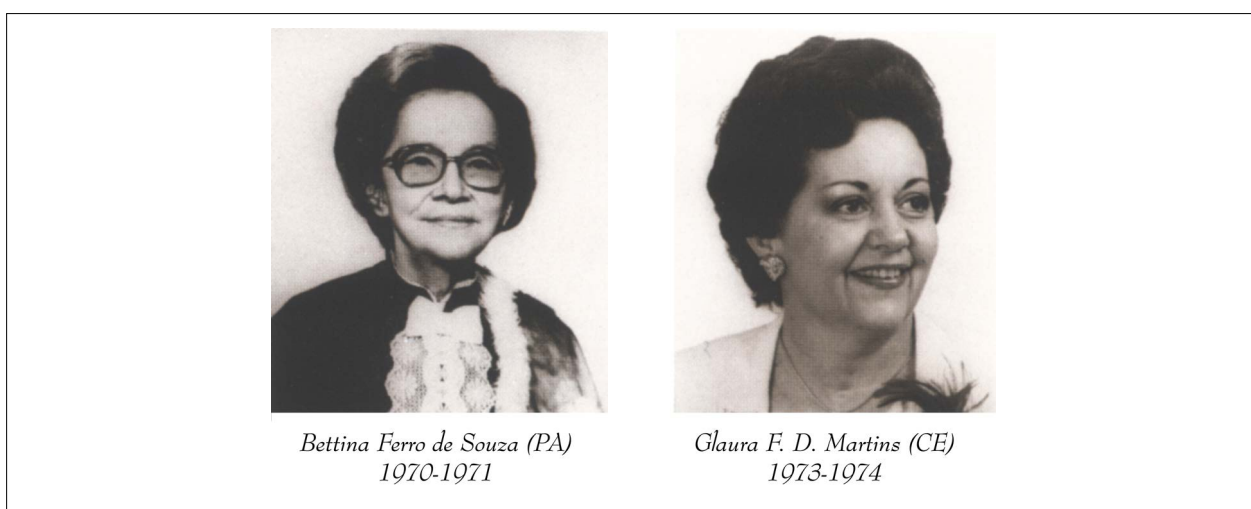


Figura 1 – Ex-presidentes da SBC. Lideranças médicas femininas da cardiologia do Brasil.

Referências

1. Faganello LS, Pimentel M, Polanczyk CA et al. O Perfil do Cardiologista Brasileiro – Uma Amostra de Sócios da Sociedade Brasileira de Cardiologia. *Arq Bras Cardiol.* 2019; 113(1):62-68
2. Scheffer M.(editor) *Demografia Médica no Brasil 2018.* São Paulo,(SP): FMUSP, CFM, Cremesp; 2018. 286 p.
3. Sinclair HC, Joshi A, Allen C, Joseph J, Sohaib SMA, Calver A, et al. Women in Cardiology: The British Junior Cardiologists' Association identifies challenges. *Eur Heart J.* 2019;40(3):227–31.
4. Douglas PS, Rzeszut AK, Bairey Merz CN, Duvernoy CS, Lewis SJ, Walsh MN, et al. Career Preferences and Perceptions of Cardiology Among US Internal Medicine Trainees: Factors Influencing Cardiology Career Choice. *JAMA Cardiol.* 2018 Aug 1;3(8):682–91.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença de atribuição pelo Creative Commons